

PE-029 - CURSO DE EMERGÊNCIAS CLÍNICAS PEDIÁTRICAS COMO PRODUTOR DE CONHECIMENTO: ANÁLISE DO APROVEITAMENTO

Ana Júlia Venâncio¹, Caroline Engster da Silva¹, Daniel Barbosa Tresmondi¹, Elisa Marques Mentz¹, Guilherme Parmigiani Bobsin¹, Izadora Meira Rogério¹, Ludimila Silveira Parker Lopes¹, Marina Balod Strassaccapa¹, Marina Marques Monteiro¹, Thais Gomes Mengue¹

1 - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

Introdução: Conhecer e dominar a teoria sobre emergências em pediatria é essencial para um melhor desfecho frente aos casos vivenciados. Deste modo, a Liga Acadêmica de Pediatria de uma Universidade Federal voltada a Saúde elaborou um Curso de Emergências Clínicas Pediátricas a fim de capacitar os estudantes acerca do assunto. **Objetivo:** Analisar o desempenho dos participantes de um Curso de Emergências Clínicas Pediátricas a fim de mensurar o conhecimento obtido através desse modelo de ensino. **Métodos:** O curso, destinado a estudantes da área da saúde, foi realizado de forma on-line pela plataforma Moodle e organizado em quatro módulos. Cada módulo apresentou 2,5 horas de duração com duas aulas referentes às emergências mais recorrentes. Os módulos foram liberados semanalmente, totalizando 4 semanas de curso. Materiais complementares, questões comentadas e espaços para dúvidas foram disponibilizados aos alunos. Os participantes foram instruídos a responder o teste pré-curso (T1) e o teste pós-curso (T2), com o intuito de avaliar o aprendizado após o término do curso. Ambos possuíam as mesmas 16 questões de múltipla escolha, contemplando todos os temas abordados. Os participantes obtiveram as respostas dos testes e percentual de acertos somente após a realização de T2. **Resultados:** Computou-se 123 respostas ao T1 e 59 ao T2. A pontuação média para cada teste foi de 5,4 e 9,1 pontos, respectivamente, de um total de 10. O número de inscritos que respondeu aos dois questionários foi de 50, com média de 5,8 pontos no primeiro teste e 9,1 no segundo, representando um aumento no desempenho em 56,8% entre o início e o final do curso. Ainda, observou-se uma queda na adesão dos participantes ao longo do curso. **Conclusão:** Os resultados apontam para a ideia de que recursos como o Curso de Emergências Clínicas Pediátricas atuam significativamente na aquisição de informação e conhecimento pelos alunos de graduação. Assim, compreende-se que tais ferramentas de ensino exercem papel de apoio importante na formação e qualificação de estudantes.

PE-030 - SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL ENTRE 2012 E 2021: POSSÍVEIS FATORES RELACIONADOS

Victória Machado Scheibe¹, Andressa Pricila Portela¹, Alice Fernandez de Almeida Previtali¹, Amanda Wagner Fiore¹, Thaiane Vaz¹, Eduarda Pasini Dein¹, Luzia Bulla Paviani¹, Júlia de Souza Brechane¹, Júlia Bortolini Roehrig¹, Cristiano do Amaral De Leon¹

1 - Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

Introdução: Sífilis Congênita (SC) é uma infecção sistêmica provocada pela bactéria *Treponema pallidum*, transmitida via transplacentária. O risco de infecção varia de 60% a 80% durante a gestação, com a taxa de transmissão aumentando em conformidade com a idade gestacional. Em neonatos infectados, as manifestações costumam ser classificadas em precoce (antes dos 2 anos) e tardia (após os 2 anos). Verifica-se que a SC é uma doença de notificação compulsória no Brasil desde 1986. **Objetivo:** Avaliar o aumento da incidência e fatores associados aos casos de sífilis congênita no Brasil, no período de 2012 a 2021. **Método:** Estudo descritivo documental obtido pela coleta de dados pré e perinatais de neonatos com sífilis congênita, a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) relativos aos anos 2012-2021, disponibilizado pelo Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Resultados:** Analisando os dados coletados, observa-se uma taxa de detecção (por 1.000 nascidos vivos) de gestantes com sífilis de 5,7 em 2012 e 27,1 em 2021, evidenciando um aumento da taxa em 21,4 nos últimos 10 anos. A maioria das gestantes infectadas eram pardas, tinham entre 20 e 29 anos, e possuíam ensino médio completo. Verifica-se também que 79,2% das gestantes realizaram o pré-natal, momento no qual a maioria foi diagnosticada com a infecção. Além disso, cerca de 51% efetuaram o tratamento de forma inadequada e 28,3% não realizaram o tratamento. O número de casos de SC aumentou ao longo dos 10 anos envolvidos no estudo. A taxa de detecção foi de 4,0 em 2012, subindo para 9,9 por cada 1000 nascidos vivos em 2021. A mortalidade por SC em nascidos vivos menores de um ano foi de 6,8 no período estudado, ressaltando-se que o maior coeficiente de mortalidade foi em 2018 (8,9 por 1000 nascidos vivos). **Conclusão:** A partir da análise do material coletado, pode-se observar que o elevado percentual de gestantes que não realizaram tratamento adequado para prevenção de SC, mesmo com a condição sendo detectada no período pré natal, é um dos motivos pelos quais houve um aumento significativo no número de casos de nascidos vivos portadores de SC no Brasil. Esse dado representa um agravamento à saúde pública e deve ser abordado com maior ênfase pelos serviços de apoio envolvidos. Visando mudanças neste cenário, torna-se premente a necessidade de melhorar a instrução das gestantes, mediante um acompanhamento pré-natal mais rigoroso.